



MÉTODO HERMENÊUTICO HISTÓRICO-GRAMATICAL E PENTECOSTALISMO, UNIÃO INTRÍNSECA E NECESSÁRIA: UMA CRÍTICA À HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA

Marlon Marques¹

RESUMO

No presente artigo, são abordadas na introdução as nuances do pensamento pós-moderno fazendo uma comparação com o modernismo. Em seguida, são realçadas e contrastadas algumas questões não hermenêuticas nas duas obras sobre hermenêutica pós-moderna recentemente publicadas. Posteriormente, uma análise incisiva é feita ao pensamento dos autores sobre o método histórico-gramatical em relação à teologia pentecostal. Por fim, há uma análise que procura destacar o quão o pentecostalismo está inserido dentro do meio evangelical.

Palavras-chave: Hermenêutica pentecostal; Pós-modernismo; Método histórico-gramatical; Evangelicalismo.

ABSTRACT

In the present article, we introduce in the introduction the nuances of postmodern thought making a comparison with modernism. Next, some non-hermeneutic issues are highlighted and contrasted in the two recently published works on postmodern hermeneutics. Subsequently, an incisive analysis is made of the authors' thinking about the historical-grammatical method in relation to Pentecostal theology. Finally, there is an analysis that seeks to highlight how Pentecostalism is inserted within the evangelical environment.

Keywords: Pentecostal hermeneutics; Postmodernism; Grammatical-historical method; Evangelicalism.

¹ É ministro da Igreja Metodista Livre, licenciado em língua portuguesa e geografia, bacharel em teologia, especialista em ensino de língua portuguesa, professor de língua portuguesa e literatura no ensino fundamental no Colégio Evangélico Monte Sinai, professor de literatura na Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), professor de teologia no Seminário Teológico das Assembleias de Deus no Ceará (STADDEC), Seminário de Teologia da Assembleia de Deus Montese (SETADEM), Seminário Evangélico da Igreja de Deus (SEID), Seminário Teológico Pentecostal do Ceará (STPC) e na Faculdade do Maciço de Baturité (FMB). É autor das obras *Salvação Integral: Salvação Pessoal e Social na Teologia de John Wesley*, *Arminianismo para a Vida* e coautor da obra *Erasmus de Roterdã: Católico, Humanista ou Protestante? – A Influência do Humanismo de Erasmo na Reforma Protestante*, todos pela editora Reflexão.



INTRODUÇÃO

Aqui no Brasil está começando a surgir no meio pentecostal e/ou carismático uma ênfase em um tipo de hermenêutica que segue os rumos da visão pós-moderna. Tal hermenêutica pós-moderna visa enfatizar a interpretação do leitor ao invés da intencionalidade do autor do texto abordado. Referindo-se às Sagradas Escrituras, o que deve ser levado em conta essencialmente é a interpretação do leitor em detrimento do que o autor do texto sagrado quis passar. Tudo isto atrelado à experiência do leitor. Mais à frente, veremos em detalhes a respeito da hermenêutica pós-moderna.

Antes de começar a analisar os tópicos principais dos livros em questão, *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: Quando a Experiência Sobrepõe-se à Teologia*, escrito por César Moisés Carvalho, e *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: Reflexões e Propostas para a Construção de uma Identidade Pentecostal*, escrito por David Mesquiati de Oliveira e Kenner Terra, vejamos nesta introdução o cerne do pós-modernismo.

Desde o fim do século XIX, mais especificamente por meio de Friedrich Nietzsche, a modernidade, que veio à tona no Ocidente por meio do iluminismo de meados do século XVIII, levou um sério golpe². Um pouco depois, com o estruturalismo, o pós-modernismo avançou fortemente. O estruturalismo afirma que a linguagem é uma construção social, sendo que todas as produções literárias visam dar sentido ao vazio experimental sentido³.

Avançando mais ainda, o desconstrucionismo (ou pós-estruturalismo) é uma rejeição ao estruturalismo. Tendo Jacques Derrida como o pai do desconstrucionismo⁴, para os desconstrucionistas o significado de um texto não é inerente ao próprio texto. O significado de um texto emerge à medida que o intérprete dialoga com o texto, daí resultando uma interpretação experimental do texto lido⁵.

² GRENZ, Stanley. **Pós-Modernismo**: Um Guia para Entender a Filosofia de Nosso Tempo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 21.

³ Ibid, p. 22.

⁴ VANHOOZER, Kevin. **Há um Significado neste Texto?** Interpretação Bíblica: Os Enfoques Contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005, p. 24.

⁵ Ibid, p. 22.

BONA CONSCIENTIA

Revista interdisciplinar de teologia, filosofia, sociologia e ciências da religião



Fato é que o pós-modernismo não se coaduna com o pensamento cristão tradicional de se entender não apenas as Escrituras, mas também o legado da tradição cristã. Os filósofos e teólogos J. P. Moreland e William Lane Craig são bem claros quanto a essa questão. Para eles, “o naturalismo iluminista e o antirrealismo pós-moderno uniram-se numa aliança profana contra uma cosmovisão amplamente teísta e especificamente cristã”⁶.

O pós-modernismo costuma ser entendido como um pensamento que não propaga absolutos ou certezas fixas, deleitando-se no pluralismo⁷. Por causa da falta de objetividade e de certeza fixa, é difícil até de definir o pós-modernismo pelos escritos de pós-modernistas.

Alister McGrath procurou diferenciar o modernismo do pós-modernismo em termos de uma série de contrastes estilísticos. Vejamos no quadro abaixo como McGrath diferenciou esses dois grupos⁸:

Modernismo	Pós-modernismo
Propósito	Brincadeira
Projeto	Acaso
Hierarquia	Anarquia
Centralização	Dispersão
Seleção	Combinação

Indo ao encontro do pensamento de Grenz, McGrath destaca que há um compromisso pré-existente com o relativismo ou pluralismo dentro do pensamento pós-moderno⁹.

No campo da linguística, Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e, principalmente, Jacques Derrida, Michel Foucault e Jean Baudrillard afirmaram uma arbitrariedade na linguagem e que não há nenhuma lei absoluta em termos linguísticos para se procurar¹⁰. A

⁶ MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 16.

⁷ MCGRAHT, Alister. **Paixão pela Verdade: A Coerência Intelectual do Evangelicalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 155.

⁸ Ibid, p. 155.

⁹ Ibid, p. 156.

¹⁰ Ibid, p. 156.



questão é que Saussure, considerado o pai da linguística, com seus trabalhos validando a linguística como estudo científico¹¹, mesmo sendo o primeiro a afirmar uma arbitrariedade da fala, afirmava que a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. Sendo assim, ficaram excluídas do estudo em conjunto com a linguística as relações entre língua e sociedade, língua e cultura e afins¹². Claramente, depois, com o desconstrucionismo, que, como vimos, também é chamado de pós-estruturalismo, as relações extra-linguísticas serão vitais e necessárias para a compreensão não apenas das palavras em si, mas também de todo texto que se quer interpretar.

A falta da clareza textual, buscada pela intenção do autor do texto, causa não apenas ambiguidade, mas também um caos interpretativo. Isto descamba também para o tipo de educação que o pós-modernismo acarreta. O escritor e anti-pós-modernista E. D. Hirsch destacou no seu livro *Cultural Literacy: What Every American Needs to Know* [Alfabetização Cultural: O que Todo Americano Precisa Saber] que boa parte dos universitários norte-americanos não conhece direito o básico necessário para compreender a primeira página de um jornal. Não conhecem nem mesmo assuntos básicos de seu país¹³. Como crítico ferrenho de uma hermenêutica pós-modernista, Hirsch atribui isso a não primazia da atenção à intencionalidade do autor do texto que se está lendo.

1. PEQUENAS PRÉVIAS RESSALVAS

Na apresentação do livro de David Mesquiati de Oliveira e Kenner Terra, César Moisés Carvalho salienta que o que se propõe no livro “é fazer uma teologia pentecostal, especificamente, brasileira e ‘assembleiana’”¹⁴. Entretanto, isto não parece ser algo condizente com a própria autoria da obra, pois um dos autores, Kenner Terra, não é assembleiano, mas sim

¹¹ PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13.

¹² COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 115.

¹³ CRAIG, William Lane. **Apologética para Questões Difíceis da Vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 9.

¹⁴ OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner. **Experiência e Hermenêutica Pentecostal: Reflexões e Propostas para a Construção de uma Identidade Teológica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 13.

BONA CONSCIENTIA

Revista interdisciplinar de teologia, filosofia, sociologia e ciências da religião



um pastor batista¹⁵. Logo, não há o porquê de restringir a proposta teológica dos autores ao reduto assembleiano.

Carvalho, no seu próprio livro, em consonância com Oliveira e Terra, corrobora com Paul Ricoeur na apropriação de uma teologia narrativa ao lidar com o texto bíblico no fato de não se fechar a questão quando se envolve a interpretação bíblica, pois não há certezas quando se trata de interpretar um texto¹⁶.

Em outro momento de seu livro, Carvalho nega que há uma única possibilidade de leitura bíblica¹⁷. Se Carvalho afirma que as experiências podem ser múltiplas para cada leitor da Bíblia, podemos concordar. Mas se a interpretação pode ser múltipla para cada leitor, então nisto discordamos.

Carvalho iguala o método hermenêutico histórico-crítico (doravante MHC) ao método hermenêutico histórico-gramatical (doravante MHG) chamando-os de hermenêuticas racionalistas¹⁸. Um pouco mais à frente, Carvalho iguala os “métodos racionalistas”, tanto o MHC quanto o MHG, à hermenêutica reformada¹⁹. O autor comete o equívoco de afirmar que buscar apenas um sentido das Escrituras Sagradas, por meio do método histórico-gramatical (MHG) para descobrir a intenção do autor, é aderir ao pensamento reformado calvinista²⁰.

Não podemos consentir que o MHG é exclusivo do pensamento reformado (calvinista). Jacó Armínio, embora tenha sido um pastor reformado, foi um crítico do calvinismo soteriológico. Armínio enfatizou o MHG acentuada e claramente nos seus escritos:

o significado legítimo e genuíno das Sagradas Escrituras é aquilo que o Espírito Santo, seu autor, tencionou, e que está coletado nas próprias palavras, sejam elas recebidas em seu significado apropriado ou figurado, isto é, o sentido gramatical, como é chamado²¹.

¹⁵ Curiosamente, não há essa informação na obra. Há apenas que ele foi assembleiano na sua juventude. É afirmado que ele é pastor em Vitória, mas não é informada a igreja. Sabemos que ele é pastor batista.

¹⁶ CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-Modernidade: Quando a Experiência Sobrepõe-se à Teologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 279.

¹⁷ *Ibid*, p. 257.

¹⁸ *Ibid*, p. 48.

¹⁹ *Ibid*, p. 49.

²⁰ *Ibid*, p. 213.

²¹ ARMÍNIO, Jacó. **As Obras de Armínio**, vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 25.



Grant Osborne, grande exegeta arminiano, autor da conhecidíssima obra de hermenêutica *A Espiral Hermenêutica*, destaca a necessidade do MHG para a compreensão das Escrituras Sagradas. Osborne escreveu: “depois de um exame detalhado das escolhas redacionais do autor, o estudioso deve aplicar uma abordagem histórico-gramatical à passagem, usando os métodos já discutidos sobre hermenêutica geral”²².

Outro ponto a ser destacado é quando Oliveira e Terra afirmam que o sabelianismo deixa em dúvida a deidade de Jesus de Nazaré²³. Isto não é verdadeiro. O sabelianismo advogava que Jesus é Deus. O que Sabélio e o posterior sabelianismo não criam é que Jesus é uma pessoa diferente da pessoa de Deus Pai e do Espírito Santo. O sabelianismo é o mesmo que modalismo²⁴. Para Oliveira e Terra, o modalismo é diferente de sabelianismo²⁵. Justo González explicita que o sabelianismo é o mesmo que modalismo: “Embora os escritores cristãos tentassem refutar o modalismo desde uma data muito antiga, eles não foram capazes de destruí-lo. No início do século 3º essa doutrina encontrou seu grande mestre em Sabélio, por causa de quem também recebeu o nome de sabelianismo”²⁶.

Curiosamente, os autores²⁷ abordam que a Reforma tinha quatro solas (só a Bíblia, só a fé, só Cristo e só a graça)²⁸. Eles deixaram de lado o só a Deus a glória (*Soli Dei Gloriam*). Saiba-se que a classificação do termo cinco solas não foi cunhado nem por Lutero nem por Calvino ou outro reformador, mas sim em parte pelo teólogo luterano Engelder e pelo teólogo reformado Emil Brunner²⁹. Os autores afirmam que adicionaram um quinto *sola* (como se não fosse

²² OSBORNE, Grant. *Espiral Hermenêutica: Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 280.

²³ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 25.

²⁴ OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2000 Anos de Tradição e Reformas*. São Paulo: Vida, 2002, p. 93.

²⁵ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 25.

²⁶ GONZÁLEZ, Justo. *História do Pensamento Cristão: Do Início até o Concílio de Calcedônia*, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 142.

²⁷ No decorrer do texto, onde estiver escrito *os autores*, refere-se a Oliveira e Terra.

²⁸ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 27.

²⁹ MARQUES, Marlon. *Solus Christus: A Plena Suficiência Salvífica de Cristo no Pensamento de Jacó Arminio e John Wesley*. In: COUTO, Vinicius (Org.). *Igreja Reformada Sempre Sendo Reformada: A Fidelidade aos Princípios da Reforma e sua Atualidade nas Teologias Arminianas Clássica e Wesleyana*. São Paulo: Reflexão, 2017, p. 145.



amplamente conhecido como *cinco solas* antes, numa tentativa de ineditismo), que cunharam como *Solus Spiritus Sanctus*³⁰.

A alegação de que Tomás Müntzer “era porta-voz de uma espiritualidade revolucionária e militava por uma hermenêutica do Espírito”³¹ é algo que discordamos. Tais anabatistas revolucionários e heterodoxos, liderados por Muntzer, diferentes dos anabatistas pacifistas e ortodoxos como Balthasar Hubmaier e Menno Simons, não são modelos para os pentecostais. Jamais! O pacifismo político, o aspecto meramente simbólico da Ceia, o sinergismo, a leitura conservadora e objetiva das Escrituras Sagradas dos anabatistas da ala de Hubmaier e Simons têm mais a ver com o pentecostalismo do que a heterodoxia e o caráter revolucionário dos anabatistas da ala de Müntzer.

2. HERMENÊUTICA HISTÓRICO-GRAMATICAL X HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA

Oliveira e Terra afirmam que “a leitura pentecostal será tratada como uma intuição hermenêutica que dá centralidade ao lugar do leitor, o qual tem no êxtase seus óculos interpretativos”³². É uma afirmação muito ousada para ser direcionada aos pentecostais. Êxtase, no entendimento dos autores, significa a experiência sensitiva pentecostal, que tem no sentimento corporal e somático a experiência pneumatológica. Entendemos como ousada a afirmação de que o êxtase são os óculos interpretativos porque não temos conhecimento de que nenhum pentecostal anterior ao surgimento da hermenêutica pós-moderna afirmou que a experiência determina o entendimento do pentecostal concernente às Escrituras Sagradas.

Alinhando-nos à classificação de L. William Oliverio Jr., busquemos, didaticamente, situar a história da hermenêutica pentecostal³³. Para Oliverio Jr., há a hermenêutica pentecostal antiga, com nomes como Charles Fox Parham, William Seymour, Charles Mason e outros; a

³⁰ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 28.

³¹ Ibid, p. 128.

³² Ibid, p. 34.

³³ OLIVERIO, L. William, Jr. **Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition: A Typological Account.** Global Pentecostal and Charismatic Studies 12. Boston / Leiden: Brill, 2012.



hermenêutica pentecostal evangélica antiga, com nomes como Myer Pearlman, Daniel Kerr e outros; a hermenêutica pentecostal evangélica contemporânea, com nomes como Gordon Fee, Roger Stronstad, Robert Menzies e outros; a hermenêutica pentecostal contextual, com nomes como John Christopher Thomas, Kenneth Archer, Amos Yong e outros; e a hermenêutica pentecostal ecumênica, com nomes como Frank Macchia, Veli-Matti Kärkäinen, Simon Chan e outros³⁴.

Como salientamos, nenhum nome do pentecostalismo antes do movimento hermenêutico pentecostal contextual (ou pós-moderno) asseverou que a êxtase do leitor são os olhos interpretativos das Sagradas Escrituras.

Os autores querem, a todo custo, incutir no entendimento do(a) leitor(a) que o pentecostalismo é uma reação *para-moderna* ao modernismo racionalista. Citando Kennerth Archer, para os autores, essa nomenclatura *para-moderno* é a melhor maneira de classificar o início do pentecostalismo³⁵.

Mais à frente, os autores afirmam que mesmo com ênfases histórico-críticas, buscando o sentido original do autor textual, os pregadores pentecostais utilizam-se de uma interpretação bíblica de maneira que faça sentido para a nossa era pós-moderna³⁶. Continuando neste caminho, os autores afirmam ainda que o Espírito Santo ilumina não apenas a intenção original do autor, mas que o Espírito ilumina ainda para elucidar o texto em um sentido contemporâneo, o qual não é necessariamente idêntico ao original. Tudo isto mediado pela experiência³⁷.

Para os autores, implicitamente há uma correlação entre o método histórico-gramatical (que eles igualam ao método histórico-crítico) e o fundamentalismo. Eles afirmam que os pentecostais encaixam-se em ênfases não racionais, sem serem irracionais³⁸.

Tendo sempre como eixo de orientação o livro *A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community* de Kenneth Archer, os autores destacam que a hermenêutica

³⁴ Oliveira e Terra não separaram a classificação que Oliverio Jr. faz entre a hermenêutica pentecostal evangélica antiga (ex. Myer Pearlman) e a hermenêutica pentecostal evangélica contemporânea (ex. Roger Stronstad).

³⁵ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 39.

³⁶ Ibid, p. 40.

³⁷ Ibid, p. 42.

³⁸ Ibid, p. 42.



pentecostal é construída na tríade Escritura, Espírito e Comunidade³⁹. Eles ressaltam, mais à frente, que a experiência religiosa pentecostal não pode ser analisada sem levar em consideração essa tríade de Archer⁴⁰.

Utilizando-se do texto de Marius Nel, *Attempting to Define a Pentecostal Hermeneutics*, os autores salientam que a hermenêutica pentecostal se aproxima de alguns pressupostos do pós-modernismo, como a multiplicidade de sentido e o dialógico papel da experiência⁴¹. Para eles, não há uma distorção do sentido do texto, mas uma construção do sentido textual seguindo esse método hermenêutico pós-moderno de entender a Bíblia.

Não é auspicioso igualar o MHG ao MHC. Os dois métodos hermenêuticos possuem trajetórias diferentes. Roy Zuck, importante hermeneuta e teólogo bíblico, coloca o nascedouro do MHG⁴² nos tempos da escola antioquina, em meados do século III⁴³.

Depois de um longo tempo em que ou a alegorização ou o sentido quádruplo das Escrituras (histórico, alegórico, tropológico, anagógico) eram altamente aplicados, na Reforma Protestante houve uma volta ao princípio de que a Bíblia tem apenas um sentido⁴⁴.

Martinho Lutero foi bem explícito ao afirmar que as Escrituras devem ser sempre mantidas em seu significado mais simples possível e que devem ser necessariamente entendidas em seu sentido histórico e gramatical⁴⁵. Da mesma forma, Philip Mellancton, grande amigo e parceiro de Lutero, também se utilizava amplamente do MHG⁴⁶. Da mesma forma Calvino, que ressaltava a natureza cristológica das Escrituras utilizando-se do MHG⁴⁷.

A questão que se busca no MHG é a intenção do autor. Oliveira e Terra citam Friedrich Schleiermacher como um expoente da busca pela intenção do autor textual⁴⁸. Contudo, isso é uma meia verdade. O MHC, assim como o MHG, busca a intencionalidade do autor, mas,

³⁹ Ibid, p. 43.

⁴⁰ Ibid, p. 49.

⁴¹ Ibid, p. 43.

⁴² ZUCK, Roy. **Interpretação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova: 1994, p. 51.

⁴³ Ibid, p. p. 43.

⁴⁴ BERKHOF, Louis. **Princípios de Interpretação Bíblica**: Para Orientação no Estudo das Escrituras e para Uso em Seminários e Institutos Bíblicos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 22.

⁴⁵ ZUCK, 1994, p. 52.

⁴⁶ Ibid, p. 54.

⁴⁷ Ibid, p. 54.

⁴⁸ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 36.



diferente do MHG, o MHC não se importa se o registro bíblico é histórico ou não. Como Andreas Kostenberger e Richard Patterson afirmam, “o conceito de intenção autoral de Schleiermacher não tem nenhum crédito entre os estudiosos atuais, porque o único acesso ao estado de espírito de determinado autor é o próprio texto que ele escreveu”⁴⁹. Schleiermacher ensinava que não somente o aspecto gramatical do texto bíblico deve ser buscado, mas também o entendimento psicológico do autor bíblico. Por isso Kostenberger e Patterson escreveram que esse entendimento de Schleiermacher é descartado entre os estudiosos atuais, pois não há como buscar o espírito do autor sem ser no próprio texto que ele escreveu. Logo, não dá para citar Schleiermacher como proponente da intenção autoral da mesma forma que os proponentes do MHG pensam, como Oliveira e Terra, erroneamente, destacaram, igualando Schleiermacher ao MHG.

O excelente e conceituado livro *Introdução à Interpretação Bíblica*, escrito por William Klein, Craig Blomberg e Robert Hubbard Jr., aborda esplendidamente a preocupação com a intenção do autor textual. Eles estabeleceram um quadro acerca dos sentidos potenciais de um texto⁵⁰. Vejamos:

SENTIDOS POTENCIAIS DE UM TEXTO
O sentido que o autor pretende transmitir
O sentido que o leitor entende
O sentido real transmitido pelas palavras e pela gramática do texto

Para entendermos melhor o que Klein, Blomberg e Hubbard Jr. propuseram por meio do elucidativo quadro acima, é necessário salientarmos as suas palavras a respeito dessa questão:

Ainda que não se possa nunca compreender de forma completa todas as dimensões e todas as nuances de um ato de fala específico, normalmente o

⁴⁹ KOSTENBERG, Andreas; PATTERSON, Richard. *Convite à Interpretação Bíblica: A Triade Hermenêutica – História, Literatura e Teologia*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 75.

⁵⁰ KLEIN, William; BLOMBERG, Craig; HUBBARD, Robert. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 303.



leitor ou o ouvinte na comunicação busca entender o que o autor/falante propôs. Além do mais, quando lemos uma obra literária ou escutamos uma mensagem oral, não conseguimos ler a mente do autor ou do falante; só temos a mensagem escrita ou verbal. Na interpretação bíblica, já que temos apenas o texto escrito para estudar, o nosso objetivo é entender o sentido (como dissemos, o propósito, o conteúdo, a energia e o efeito proposto) desse texto. Por isso não nos atrevemos a desconsiderar nem o papel do autor, nem a sua intenção⁵¹.

Klein, Blomberg e Hubbard Jr. deixam bem claro, mais à frente no seu livro, que “se o nosso objetivo for centrado no autor ou no texto, então os métodos históricos, gramaticais, literários e culturais (só para mencionar alguns exemplos) têm que ser fundamentais”⁵².

É imprescindível destacarmos a posição de um dos maiores hermenutas e exegetas contemporâneos que, por sinal, é de tradição pentecostal (ainda que não creia na distinção entre conversão e batismo no Espírito Santo). Gordon Fee, juntamente com Douglas Stuart, no aclamado livro *Entendes o que Lês?* expõem acerca da intencionalidade do autor bíblico: “a razão por que não devemos começar com o aqui e atualmente é que o único controle apropriado para a hermenêutica se acha na intenção original do texto bíblico”⁵³.

Roy Zuck aborda com maestria a ênfase na primazia do MHG. Ele cita o caso relatado por Lucas em Atos 8, mais precisamente em Atos 8.30, na conhecida história do etíope evangelizado por Filipe⁵⁴. Este, ao ver aquele lendo o livro do profeta Isaías, pergunta: “Compreende o que vens lendo?”. O etíope responde: “Como poderei entender se alguém não me explicar?”. Este é um sinal claro da busca pela intencionalidade do autor exibido nas Escrituras Sagradas.

Oliveira e Terra sempre enfatizam em seu livro a experiência como norte da hermenêutica⁵⁵. Entretanto, nenhum adepto do MHG deixa de reconhecer o aspecto experimental da fé cristã. Zuck afirma que “quem não for regenerado não pode compreender totalmente o significado da Bíblia. Quem não é salvo está cego espiritualmente (2 Co 4.4) e

⁵¹ Ibid, p. 303.

⁵² Ibid, p. 305.

⁵³ FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que Lês?** Um Guia para Entender a Bíblia com Auxílio da Exegese e da Hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 38.

⁵⁴ ZUCK, 1994, p. 9.

⁵⁵ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 42.



morto (Ef 2.1)”⁵⁶. Zuck menciona a experiência como um aspecto central para compreensão do texto bíblico: “O verbo grego ginosko (compreender) não significa entender com o intelecto; significa compreender por experiência”⁵⁷. Sendo assim, não há que supervalorizar a experiência, como os adeptos da hermenêutica pós-moderna salientam, mas sim buscar a intencionalidade do autor bíblico e experimentar o que deve ser experimentado ao ler e meditar nas Sagradas Escrituras.

O MHC surgiu entre a chamada “Idade da Razão”, que é comumente estabelecida entre o fim da Guerra dos Trinta Anos (1648) e a eclosão da Revolução Francesa (1789), quando o iluminismo estava em plena ascensão⁵⁸.

O elemento humano foi amplamente levado em conta entre os adeptos do MHC. O elemento humano praticamente sobrepõe-se ao elemento divino (quando há algum elemento divino no entendimento do MHC). Para os adeptos do MHC, a Bíblia deve ser interpretada como qualquer outro livro. O intérprete das Escrituras Sagradas limita-se à discussão das questões históricas e críticas⁵⁹.

Ressaltamos que, com isso, não há a mínima possibilidade de comparar o MHG ao MHC. Estes dois métodos buscam a intencionalidade do autor, mas discordam entre si quanto à historicidade do relato bíblico. É como o pensamento liberal de Schleiermacher, que afirmava que a verdadeira religião é o sentimento humano universal, que tem pouco a ver com dogmas⁶⁰. Isto é praticamente a mesma opinião de Oliveira e Mesquiati, que afirmam que “a experiência do encontro com Deus é a central ênfase dos pentecostalismos e não a doutrina ou o ensino”⁶¹. Será que podemos igualar o liberalismo teológico ao método hermenêutico pós-moderno utilizado por Oliveira e Terra somente por haver algo bem parecido entre os dois grupos? Se não, por que igualar o MHG ao MHC somente por causa dos dois buscarem a intencionalidade do autor textual?

⁵⁶ ZUCK, 1994, p. 24.

⁵⁷ Ibid, p. 25.

⁵⁸ BRAY, Gerald. **História da Interpretação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 225.

⁵⁹ BERKHOF, 2004, p. 27.

⁶⁰ OLSON, Roger. **The Journey of Modern Theology: From Reconstruction to Deconstruction**. Downers Grove: IVP Academic, 2013, p. 133.

⁶¹ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 42.



Concentrando-nos especificamente no método hermenêutico pentecostal, vejamos como os mais proeminentes teólogos pentecostais da atualidade veem a questão da experiência e intenção do autor.

Em uma contundente crítica aos adeptos da hermenêutica pós-moderna, Craig Keener lamenta o fato de tais proponentes negligenciarem o valor do significado original do texto. Com isso, Keener afirma que “observar o sentido proposto, ou o que poderíamos chamar de o sentido projetado pelo autor ideal ou ao menos o sentido cultural antigo, é um objetivo vital e fundamental para a interpretação das Escrituras”⁶². Keener salienta ainda que “descobrir o ‘significado e a intenção originais’ de um texto é o objetivo do método histórico-gramatical”, e prossegue: “os intérpretes claramente já usavam a ‘exegese histórico-gramatical’ antes do domínio da crítica histórica moderna”⁶³.

Keener deixa bem claro que os pentecostais, em sua grande maioria, não questionam o valor da busca pela intenção autoral⁶⁴. Keener até ironiza, no seu humor característico, Archer, salientando que descrever a visão de Archer como rechaçando completamente a contribuição autoral é injusto, pois Archer busca ser compreendido pelos seus leitores⁶⁵.

E. D. Hirsch é citado por Keener com o objetivo de expor que o autor de um texto deve ser ouvido (lido) como uma pessoa distinta de nós como leitores⁶⁶. Hirsch é um parâmetro, não necessariamente teológico, da hermenêutica bíblica, que serve de âncora para os adeptos do MHG, enquanto que Hans-Georg Gadamer é a âncora dos adeptos da hermenêutica pós-moderna.

Keener cita Kevin Spawn e Archie Wright, que afirmam que depender do Espírito, ou seja, ter experiências espirituais, não requer desleixo com pesquisas acadêmicas rigorosas⁶⁷.

⁶² KEENER, Craig. **A Hermenêutica do Espírito**. Lendo as Escrituras à Luz do Pentecostes. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 184.

⁶³ Ibid, p. 226.

⁶⁴ Ibid, p. 241.

⁶⁵ Ibid, p. 241.

⁶⁶ Ibid, p. 243.

⁶⁷ Ibid, p. 254. (Cf. SPAWN, Kevin; WRIGHT, Archie. The Emergency of a Pneumatic Hermeneutic in the Renewal Tradition. In: SPAWN, Kevin; WRIGHT, Archie (Orgs.) **Spirit and Scripture: Exploring a Pneumatic Hermeneutic**. New York: Bloomsbury, 2012, p. 3)



O conhecido pentecostal/carismático Howard Ervin é citado por Kenner valorizando a análise linguística, literária e histórica como um elemento crucial para entender o texto, pensamento este que vai ao encontro do teólogo pentecostal Walter Hollenweger, também citado por Keener, que declara a importância de se estudar os contextos históricos bíblicos para os estudos hermenêuticos nos redutos pentecostais acadêmicos⁶⁸.

Keener cita também o destacado teólogo evangélico e carismático Clark Pinnock. Este afirma que os leitores devem ser conduzidos pelo Espírito Santo sempre com a coerência do testemunho apostólico. Tudo isto embasado em um sentido histórico das Escrituras Sagradas, pois os textos jamais devem ter um significado qualquer que damos ao texto⁶⁹.

É pertinente que façamos uma intersecção e citemos Gordon Anderson, conhecido teólogo pentecostal das Assembleias de Deus norte-americanas, que declara de uma forma clara em artigo no site oficial das Assembleias de Deus dos Estados Unidos que “os intérpretes pentecostais cuidadosos concordam com outros evangélicos de que a melhor maneira de interpretar a Bíblia é trabalhar para descobrir o significado pretendido do texto através de métodos histórico-gramaticais”⁷⁰. Anderson continua destacando o MHG como o método mais apropriado para os pentecostais:

A visão correta é reconhecer que o trabalho da teologia é sistematizar os significados objetivos dos versos individuais em um todo coerente. Neste método, os significados originais são obtidos através do método histórico-gramatical, fundamentado na suposição de que eles têm significados fixos e objetivos⁷¹.

É pertinente também que entendamos que o MHG é aderido também nas Assembleias de Deus brasileiras. O escritor pentecostal assembleiano Claiton Pommerening ao escrever um de seus livros afirma que o método hermenêutico das Assembleias de Deus é o MHG: “Para estar ancorado à teologia tradicional, a elaboração deste texto obviamente seguiu a linha da

⁶⁸ Ibid, p. 254.

⁶⁹ Ibid, p. 254-255.

⁷⁰ ANDERSON, Gordon L. **Pentecostal Hermeneutics** Disponível em: https://ag.org/Beliefs/Our-Core-Doctrines/Resources?fbclid=IwAR0jSK9PEu0JKmNhl-vcNQbRa_FRORMbSfC8qbcJAI-Lx2T0fkxCPrsKojis. Visualizado em 02 de maio de 2019.

⁷¹ Ibid.



ortodoxia professada pelas Assembleias de Deus, especialmente o Método Histórico-Gramatical, aceito pela maioria das igrejas pentecostais”⁷².

Voltando a Keener, este critica veementemente Archer quando este diz que “significado não é algo que descobrimos e de que então nos apropriamos. Significado é algo que construímos”⁷³. Em seu livro, na mesma página que Keener o critica, Archer critica Robert Menzies por este ter criticado com bastante contundência o método hermenêutico pós-modernista. Archer iguala o entendimento da intenção autoral com o método modernista da tradição reformada cessacionista⁷⁴. Curiosamente, é a mesma correlação que Oliveira, Terra e Carvalho fazem, como vimos.

Para Archer, em correspondência pessoal com Keener, buscar a intenção autoral é algo que não fornece uma compreensão direta do que o texto significa⁷⁵. Keener, novamente ironizando Archer, afirma que este deseja ser entendido quando escreve. Ele deseja que a intenção do autor seja levado em conta.

Como salientamos, parece que os adeptos da hermenêutica pós-moderna querem transmitir que os adeptos da intencionalidade do autor, o MHG, não prezam pela experiência. Keener, entretanto, afirma que “a própria Bíblia está repleta de experiências dinâmicas com Deus, e a igreja como um todo precisa ser lembrada delas regularmente”⁷⁶.

Keener destaca que as experiências são inevitáveis para o cristão como mensagem divinamente comissionada e inspirada por Jesus Cristo. Contudo, como toda experiência é subjetiva, ela deve ser contrabalançada: “a experiência espiritual individual é necessariamente subjetiva, mas pode ser contrabalançada com algo objetivo: a revelação passada testada, confirmada corporativamente pelo povo de Deus em todas as épocas e lugares desde a aceitação de seus livros”⁷⁷.

⁷² POMMERENING, Claiton Ivan. **A Obra da Salvação**: Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 5.

⁷³ Ibid, p. 218.

⁷⁴ ARCHER, Kenneth. **A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community**. Cleveland: CPT Press, 2009, p. 208.

⁷⁵ KEENER, 2018, p. 219.

⁷⁶ Ibid, p. 45.

⁷⁷ Ibid, p. 1995, p. 72.



Corroborando com o entendimento teológico de John Wesley, Keener afirma que “a interação entre a experiência e as Escrituras envolve uma espécie de círculo hermenêutico, mas como no caso da incorporação que Wesley fazia de razão, tradição e experiência, as Escrituras precisam permanecer supremas”⁷⁸. Realmente, embora Wesley não tenha criado o termo conhecido como quadrilátero wesleyano (quem criou foi Albert Outler), ele certamente fazia uso da razão, da tradição, da experiência e da Bíblia, tendo esta a primazia⁷⁹.

Keener cita Osborne no tocante à questão do Espírito Santo capacitar o pregador para que ele venha a ter uma experiência empoderada que faça que os ouvintes tenham uma experiência transformadora. Ele escreve: “‘Somente o Espírito Santo’, Grant Osborne insiste, ‘pode capacitar o pregador a fim de que a sua mensagem não seja de palavras de sabedoria [humana]; antes, demonstre o Espírito e o poder de Deus (1 Co 2.4,5)’”⁸⁰.

Ler as Escrituras atreladas à experiência é uma prática de legado positivo e longo, de acordo com Keener. Para ele, este é o modo que os autores tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento entendiam e quiseram transmitir⁸¹.

Para Roger Stronstad, a experiência que o pentecostal e/ou carismático sente não é algo subjetivo alijado da realidade objetiva das Escrituras. As duas devem andar juntas. Para Stronstad:

Incluir a experiência carismática como um elemento na experiência pentecostal não é abrir uma caixa de Pandora do subjetivismo e emocionalismo. Por um lado, a realidade objetiva da Bíblia permanece inviolada. Por outro lado, embora eles estejam em um sentido inseparável, experiência e emoção não são idênticas⁸².

Não precisamos nos apropriar do jogo de soma zero⁸³, onde se eu adoto o MHG, eu não levo em consideração a experiência. Isto é extremamente falso, como já vimos. Nem devemos

⁷⁸ Ibid, p. 214.

⁷⁹ THORSEN, Donald. **Calvino Versus Wesley**: Duas Teologias em Questão. Natal: Carisma, 2018, p. 72-73.

⁸⁰ KEENER, 2018, p. 51. (Cf. OSBORNE, Grant. **Espiral Hermenêutica**: Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 562.)

⁸¹ Ibid, p. 400.

⁸² STRONSTAD, Roger. **Spirit, Scripture and Theology**: A Pentecostal Perspective. Baguio City: APTS, 1995, p. 72.

⁸³ WRIGHT, N. T. **Surpreendido pelas Escrituras**: Questões Atuais Desafiadoras. Viçosa: Ultimato, 2015, p. 24.



utilizar o método do “ou...ou”, mas sim devemos utilizar o “tanto...quanto”⁸⁴ neste caso. Propomos apropriarmo-nos tanto do MHG quanto da experiência.

Stronstad, referência importantíssima para o pentecostalismo acadêmico, destaca que a experiência deve andar lado a lado com a exegese histórico-gramatical (MHG). Ele destaca o seguinte:

A meu ver, uma hermenêutica pentecostal terá uma variedade de elementos cognitivos e experimentais. Por um lado, será experimental, tanto no nível pressuposicional quanto no de verificação. Por outro lado, será racional, respeitando o gênero literário dos dados bíblicos relevantes e incorporando os princípios da exegese histórico-gramatical⁸⁵.

Mais à frente, Stronstad afasta o método pentecostal adequado de hermenêutica de quaisquer subjetivismos e, novamente, afirma a exegese histórico-gramatical (MHG) como pertencente a uma exegese pentecostal sadia:

Ao defender a legitimidade dos pressupostos carismáticos, não estou implicando que eles garantem uma interpretação sadia. Em outras palavras, em virtude de sua experiência carismática, o pentecostal não é um intérprete infalível. Isto é porque pressuposições experimentais não permanecem sozinhas, não permanecem independentes de quaisquer pressupostos cognitivos histórico-gramaticais⁸⁶.

Stronstad é bem taxativo de que a experiência não deve ser o foco principal ou único do pentecostal, mas sim a busca da intenção autoral do texto bíblico através da exegese histórico-gramatical (MHG).

Curiosamente, Terra, em um artigo no seu no blog, cita Stronstad aparentemente afirmando que a experiência está acima da exegese histórico-gramatical⁸⁷. Terra não coloca a fonte bibliográfica de onde ele citou tal declaração de Stronstad, mas constatamos que se trata

⁸⁴ GRENZ, Stanley; OLSON, Roger. **A Teologia do Século 20: Deus e o Mundo numa Era de Transição**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 30-31.

⁸⁵ STRONSTAD, 1995, p. 72.

⁸⁶ Ibid, p. 73.

⁸⁷ TERRA, Kenner. **Pentecostalismo e Método Gramatical-Histórico: Vamos com Calma...** Disponível em: <http://kennerterra.blogspot.com/2019/03/pentecostalismo-e-metodo-gramatical.html>. Visualizado em 02 de julho de 2019.



da obra de Stronstad citada anteriormente acima que utilizamos. Contudo, como vimos acima, Stronstad não somente afirma a necessidade do MHG, mas também afirma que a experiência não deve se sobrepôr ao MHG, mas sim os dois devem andar lado a lado. Claramente, vemos que ou Terra não leu atentamente a obra de Stronstad toda ou selecionou essa parte sem destacar o mais notório que é a ênfase necessária no MHG.

Robert Menzies e seu pai William Menzies foram ávidos críticos da hermenêutica pós-moderna. Em um livro que eles escreveram juntos há um capítulo chamado “Hermenêutica: Pulando Fora do Trem da Pós-Modernidade”. Nesse artigo, os Menzies afirmam que o entendimento hermenêutico pós-moderno deve ser rechaçado pelos pentecostais.

Tendo como base o pensamento do teólogo presbiteriano Timothy Cargal, Robert Menzies faz sua crítica à hermenêutica pós-moderna⁸⁸. Ele cita Cargal, o qual afirma que os pentecostais nunca tiveram preocupação com o significado histórico do texto bíblico⁸⁹. Para Cargal, os pentecostais enfatizaram mais a experiência, pensamento este típico da hermenêutica pós-moderna. Oliveira e Terra afirmam praticamente a mesma coisa que Cargal, pois estes declaram que

mesmo com suas ênfases histórico-críticas e tentativa mínima de acesso ao sentido original, a hermenêutica pentecostal presente em pregadores de suas fileiras parece interpretar a Bíblia de uma maneira que tenha sentido para as pessoas que vivem na era pós-moderna⁹⁰.

Para Oliveira e Terra, na segunda parte do primeiro capítulo do livro deles, “a leitura pentecostal será tratada como uma intuição hermenêutica que dá centralidade ao lugar do leitor, o qual tem no êxtase seus óculos interpretativos”⁹¹.

Caminhando no mesmo entendimento, sem uma preocupação com o literal ou histórico, mas sim com o mistério, Carvalho cita o filósofo judeu Abraham Heschel, que afirma que a

⁸⁸ Segundo consta no livro, este capítulo de crítica à hermenêutica pós-moderna foi escrito por Robert Menzies.

⁸⁹ MENZIES, William; MENZIES, Robert. **No Poder do Espírito: Fundamentos da Teologia Pentecostal...** Um Chamado ao Diálogo. São Paulo: Vida, 2002, p. 77.

⁹⁰ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 40.

⁹¹ Ibid, p. 34.



revelação é concedida àqueles que possuem uma mente voltada para o mistério, e não para quem têm mentes literais⁹².

Robert Menzies continua a criticar veementemente a hermenêutica pós-moderna destacando o pensamento de Cargal. Ele afirma que “a postura não-histórica e o ceticismo epistemológico do pós-modernismo é extremo e conduz ao relativismo⁹³. Menzies destaca que no método hermenêutico pós-moderno não podemos evitar que nossas próprias ideologias e preconceitos causem barreiras e interfiram na interpretação bíblica. Ele chega a asseverar que “a subjetividade extrema de algumas metodologias centradas no leitor (como a crítica resposta-do-leitor e o desconstrutivismo) é perturbadora⁹⁴.

Menzies cita Clark Pinnock, que direciona uma crítica mordaz à hermenêutica pós-moderna: “Repúdio a ideia hoje tão dominante de que o ponto de vista humano age como uma espécie de lente ou rede por cujo intermédio podemos entender a Bíblia. Quando isso acontece, o indivíduo não está interpretando a Bíblia, mas julgando-a e reescrevendo-a”⁹⁵.

Menzies deixa bem claro a adesão ao MHG. Ele afirma que “levamos a sério a intenção dos autores bíblicos no que se refere ao modo que seus textos devem ser interpretados, se como história, ficção ou uma mistura dos dois”⁹⁶.

Glen Menzies, irmão de Robert Menzies e filho de William Menzies, critica avidamente a hermenêutica pós-moderna em um livro editado por Kenneth Archer, o principal proponente pentecostal desse tipo de hermenêutica pós-moderna. Glen Menzies brilhantemente destaca:

Mas o papel das Escrituras também é importante. Já expliquei que o Novo Testamento, em sua natureza, é praticamente um credo. Reflete diversidade, mas também estabelece limites. Não estou interessado no diálogo ecumênico em que os pentecostais conseguem “sentar-se à mesa”, no qual, porém, os outros que se assentam definem sua fé fora dos limites do Novo Testamento. Isso não é um ataque ao diálogo com os católicos ou com os ortodoxos; tenho participado do Diálogo Nacional Evangélico-Católico por vinte anos. Os católicos levam muito a sério a autoridade das Escrituras, ainda que eles articulem essa autoridade de maneira diferente da minha, e regularmente eu

⁹² CARVALHO, 2017, p. 354.

⁹³ MENZIES; MENZIES, 2002, p. 77.

⁹⁴ Ibid, p. 79.

⁹⁵ PINNOCK apud MENZIES; MENZIES, 2002, p. 80.

⁹⁶ MENZIES; MENZIES, 2002, p. 78.



experimente a 'unidade do Espírito' com eles. Mas há outros grupos, a quem não vou nomear, que afirmam representar autênticas tradições cristãs, mas que montam suas tendas fora dos limites do Novo Testamento, frequentemente negando a estabilidade do significado textual, bem como o caráter determinante da intenção autoral. O diálogo com eles se parece mais com o diálogo inter-religioso do que com o diálogo ecumênico. Portanto, não é muito produtivo⁹⁷.

Como podemos comprovar, o MHG é imprescindível para o entendimento pentecostal/carismático. Este método não deve ser suprimido por um método interpretativo das Escrituras que foca o leitor e minimiza a intenção autoral do texto bíblico.

A tríade pentecostal acadêmica Keener-Stronstad-Menzies é de fundamental importância para um estudo sério do modo como os pentecostais devem interpretar as Sagradas Escrituras.

3. EVANGÉLICOS E PENTECOSTAIS DE MÃOS DADAS

Como na já citada divisão de L. William Oliverio Jr., os pentecostais contextuais (ou pós-modernos) propõem que os pentecostais se distanciem dos evangélicos, pois estes sempre trabalharão com o MHG. Como pertencentes a este ramo da hermenêutica pentecostal pós-moderna, Carvalho, Oliveira e Terra pensam o mesmo, ou seja, que os pentecostais se afastem do meio evangelical, que eles chamam de reformado, o que vimos ser um equívoco imenso igualar evangelical a reformado/calvinista.

Um estudioso do movimento pentecostal, Daniel Castelo, afirma que é lamentável que o pentecostalismo seja um “evangelicalismo de línguas”⁹⁸, ou seja, que o pentecostal seja um evangélico que fala em línguas. Castelo afirma categoricamente que “o pentecostalismo entende-se melhor como uma tradição mística da igreja católica”⁹⁹.

⁹⁷ MENZIES, Glen. Ecoing Hirsch: Do Readers Findo or Construct Meaning? In: ARCHER, Kenneth; OLIVERIO, L. William, Jr. **Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity**. New York: Palgrave Macmillan, 2016, p. 98.

⁹⁸ CASTELO, Daniel. **Pentecostalismo: Uma Tradição Cristiana Mística**. Salem Oregon: Publicaciones Kerigma, 2017, pos. 228.

⁹⁹ Ibid, pos. 234.



Gutierrez Siqueira, escritor pentecostal brasileiro, vai de encontro a Castelo e afirma que o pentecostalismo nasceu do movimento wesleyano de santidade, embora tenha, logo no início, ganhado autonomia¹⁰⁰. Siqueira afirma, além do mais, que “o pentecostalismo surge no seio do protestantismo anglo-saxão e não no catolicismo romano ou no catolicismo ortodoxo oriental”¹⁰¹.

Craig Keener destaca a ênfase pentecostal no Espírito Santo junto de uma ênfase evangélica na Palavra como o ápice da busca ideal do propósito verdadeiramente pentecostal/carismático¹⁰². Ele cita Oliverio, que também destaca que os pentecostais compartilhavam, desde o início, a perspectiva elevada das Escrituras Sagradas dos protestantes conservadores. Também citando Oliverio, Keener assevera que os pentecostais têm origem em uma matriz evangélica do movimento de santidade¹⁰³.

Keener continua a defender a união mais forte entre pentecostais/carismáticos com os demais evangélicos. Ele propõe: “Imagine o que pode acontecer quando combinarmos o melhor da experiência carismática com o melhor da atenção evangélica à exposição bíblica”¹⁰⁴.

Robert Menzies cita Cargal, que afirma que os pentecostais devem se livrar dos evangélicos, que procuram escravizá-los, pois estes procuram a “evangelicalização do pentecostalismo”¹⁰⁵. Contra essa proposta não adequada de Cargal, vejamos a resposta de Menzies:

Vejo a assimilação do movimento pentecostal moderno no mundo evangélico mais amplo como um acontecimento emocionante e positivo. Olhando para cinquenta anos atrás, podemos declarar a força que encontramos em nossa herança evangélica tradicional¹⁰⁶.

¹⁰⁰ SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. **Revestidos de Poder: Uma Introdução à Teologia Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 128.

¹⁰¹ Ibid, p. 130.

¹⁰² KEENER, 2018, p. 44.

¹⁰³ Ibid, p. 44.

¹⁰⁴ Ibid, p. 209.

¹⁰⁵ MENZIES; MENZIES, 2002, p. 80.

¹⁰⁶ Ibid, p. 80;

BONA CONSCIENTIA

Revista interdisciplinar de teologia, filosofia, sociologia e ciências da religião



Menzies orgulha-se de fazer parte do movimento evangélico, discordando totalmente de Cargal que, inconsequentemente, procura influenciar os pentecostais a se distanciarem do movimento evangélico. O curioso é que Cargal faz parte da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, que é majoritariamente liberal teologicamente (não confundir com a Igreja Presbiteriana da América, que é conservadora). Do lado de fora, Cargal procura influenciar os pentecostais pós-modernos.

Spawn e Wright citam James Shelton, que afirma o compromisso dos pentecostais tradicionais com os evangélicos. Nas palavras dos autores: “James Shelton apresenta um compromisso entre a visão pentecostal clássica e a dos evangélicos”¹⁰⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que o(a) leitor(a) tenha captado o cerne deste artigo, que é expor o quanto o método de hermenêutica pós-moderno é inadequado para o entendimento pentecostal das Sagradas Escrituras. A intenção autoral propagada pelo método histórico-gramatical é testada pelo tempo (desde os primórdios da igreja com a escola de Antioquia) e ideal para um sadio método de interpretação bíblica pentecostal.

Como já foi bem destacado, a tríade pentecostal acadêmica Keener-Stronstad-Menzies têm excelentes obras que ajudarão os pentecostais a se firmarem cada vez mais na tradição cristã, na ênfase evangélica da interpretação bíblica e na experiência pentecostal atrelada à tradição e hermenêutica que lhes é legado.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Gordon L. **Pentecostal Hermeneutics** Disponível em: https://ag.org/Beliefs/Our-Core-Doctrines/Resources?fbclid=IwAR0jSK9PEu0JKmNhl-vcNQbRa_FRORMbSfC8qbcJA1-Lx2T0fkxCPrsKojs. Visualizado em 02 de maio de 2019.

¹⁰⁷ SPAWN; WRIGHT, 2012, p. 19.



ARCHER, Kenneth. **A Pentecostal Hermeneutic: Spirit, Scripture and Community.** Cleveland: CPT Press, 2009.

ARMÍNIO, Jacó. **As Obras de Armínio**, vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BERKHOF, Louis. **Princípios de Interpretação Bíblica: Para Orientação no Estudo das Escrituras e para Uso em Seminários e Institutos Bíblicos.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

BRAY, Gerald. **História da Interpretação Bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e Pós-Modernidade: Quando a Experiência Sobrepõe-se à Teologia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CASTELO, Daniel. **Pentecostalismo: Una Tradición Cristiana Mística.** Salem Oregon: Publicaciones Kerigma, 2017.

COSTA, Marcos Antônio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2011.

CRAIG, William Lane. **Apologética para Questões Difíceis da Vida.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que Lês? Um Guia para Entender a Bíblia com Auxílio da Exegese e da Hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2011.

GONZÁLEZ, Justo. **História do Pensamento Cristão: Do Início até o Concílio de Calcedônia**, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GRENZ, Stanley; OLSON, Roger. **A Teologia do Século 20: Deus e o Mundo numa Era de Transição.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GRENZ, Stanley. **Pós-Modernismo: Um Guia para Entender a Filosofia de Nosso Tempo.** São Paulo: Vida Nova, 1997.

KEENER, Craig. **A Hermenêutica do Espírito.** Lendo as Escrituras à Luz do Pentecostes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KLEIN, William; BLOMBERG, Craig; HUBBARD, Robert. **Introdução à Interpretação Bíblica.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KOSTENBERG, Andreas; PATTERSON, Richard. **Convite à Interpretação Bíblica: A Tríade Hermenêutica – História, Literatura e Teologia.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

MARQUES, Marlon. *Solus Christus: A Plena Suficiência Salvífica de Cristo no Pensamento de Jacó Armínio e John Wesley.* In: COUTO, Vinicius (Org.). **Igreja Reformada Sempre**



Sendo Reformada: A Fidelidade aos Princípios da Reforma e sua Atualidade nas Teologias Arminianas Clássica e Wesleyana. São Paulo: Reflexão, 2017.

MCGRAHT, Alister. **Paixão pela Verdade:** A Coerência Intelectual do Evangelicalismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

MENZIES, Glen. Ecoing Hirsch: Do Readers Find or Construct Meaning? In: ARCHER, Kenneth; OLIVERIO, L. William, Jr. **Constructive Pneumatological Hermeneutics in Pentecostal Christianity.** New York: Palgrave Macmillan, 2016.

MENZIES, William; MENZIES, Robert. **No Poder do Espírito:** Fundamentos da Teologia Pentecostal... Um Chamado ao Diálogo. São Paulo: Vida, 2002.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e Cosmvisão Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2005.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner. **Experiência e Hermenêutica Pentecostal:** Reflexões e Propostas para a Construção de uma Identidade Teológica. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

OLIVERIO, L. William, Jr. **Theological Hermeneutics in the Classical Pentecostal Tradition:** A Typological Account. Global Pentecostal and Charismatic Studies 12. Boston / Leiden: Brill, 2012.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã:** 2000 Anos de Tradição e Reformas. São Paulo: Vida, 2002.

OLSON, Roger. **The Journey of Modern Theology:** From Reconstruction to Deconstruction. Downers Grove: IVP Academic, 2013.

OSBORNE, Grant. **Espiral Hermenêutica:** Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à Linguística:** I. Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2011.

POMMERENING, Claiton Ivan. **A Obra da Salvação:** Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. **Revestidos de Poder:** Uma Introdução à Teologia Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SPAWN, Kevin; WRIGHT, Archie. The Emergency of a Pneumatic Hermeneutic in the Renewal Tradition. In: SPAWN, Kevin; WRIGHT, Archie (Orgs.) **Spirit and Scripture:** Exploring a Pneumatic Hermeneutic. New York: Bloomsbury, 2012.

BONA CONSCIENTIA

Revista interdisciplinar de teologia, filosofia, sociologia e ciências da religião



STRONSTAD, Roger. **Spirit, Scripture and Theology: A Pentecostal Perspective**. Baguio City: APTS, 1995.

TERRA, Kenner. **Pentecostalismo e Método Gramatical-Histórico: Vamos com Calma...** Disponível em: <http://kennerterra.blogspot.com/2019/03/pentecostalismo-e-metodo-gramatical.html>. Visualizado em 02 de julho de 2019.

THORSEN, Donald. **Calvino Versus Wesley: Duas Teologias em Questão**. Natal: Carisma, 2018.

VANHOOZER, Kevin. **Há um Significado neste Texto?** Interpretação Bíblica: Os Enfoques Contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

WRIGHT, N. T. **Surpreendido pelas Escrituras: Questões Atuais Desafiadoras**. Viçosa: Ultimato, 2015.

ZUCK, Roy. **Interpretação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova: 1994.